

O Local e o Global em *Luanda Beira Bahia*¹

*Glauce Souza Santos*²

Resumo

Esta resenha objetiva analisar a relação local/global e a construção da identidade nacional na obra *Luanda Beira Bahia* do escritor baiano Adonias Filho. O mesmo se fundamenta na discussão sobre globalização traçada por Milton Santos (2000), na ideia de identidade cultural e culturas nacionais, discutida por Stuart Hall (1999) e na leitura apresentada por Marcos Aurélio Souza (2010) sobre discurso fundacional e mestiçagem.

Palavras-chave: *Adonias Filho; Identidade Nacional, Local e Global.*

O romance *Luanda Beira Bahia* do escritor baiano Adonias Filho, publicado na década de 70 do século passado, conta a trágica história de amor entre Caúla e Iuta, jovens que vivem em continentes diferentes, mas estão ligados pela relação de consanguinidade paterna. Possui como cenários duas cidades no Brasil, no estado da Bahia, e duas no continente africano, todas marcadas pela longa história de colonização portuguesa. A narrativa possibilita a discussão sobre a relação local e global, e a reflexão sobre a construção da identidade nacional brasileira.

O romance de Adonias não trata apenas de um drama familiar específico, mas de uma história que re-encena sentidos de origem, envolvendo identidades culturais, situadas e deslocadas no Atlântico, entre Brasil, África e Europa. (SOUZA, 2010, p 74)

1 Obra do escritor baiano, Adonias Aguiar Filho, nascido em Itajuípe, em 27 de novembro de 1915 e morto em Ilhéus no dia 2 de agosto de 1990. Foi um jornalista, crítico literário, ensaísta e romancista brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras.

2 Discente do curso de Letras Vernáculas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Campus de Jequié.

A obra divide-se em dois capítulos. O primeiro, composto de seis partes e o segundo composto de uma só parte que guarda o desfecho da história.

O ponto de partida da narrativa é a saída de João Joanes do município de Ilhéus na Bahia, deixando a mulher e seu filho Caúla, para se entregar à vida do mar, um dos destinos certos dos homens de Ilhéus.

Os homens de Ilhéus, ali do Pontal e do Malhado, tinham apenas dois caminhos – dois caminhos e nada mais. Entravam matas adentro para o ventre das selvas ou saíam mar afora para os portos do mundo. (FILHO, 1997, p. 13)

A mesma atração que o mar exercia sobre os antigos colonizadores - inquietos e corajosos, quando se lançavam em suas caravelas em busca de novas terras – exercia também sobre João Joanes e seus conterrâneos.

Caúla vive uma espécie de conflito ao desejar conhecer o pai – a busca da origem paterna – reforçada diante da possibilidade de conhecer o mundo, apresentado por uma professora negra de geografia, que ao exhibir o mapa na sala de aula exclamava: “É o mundo!”, e ao mesmo tempo sente que seu destino pode ser também o de ficar em terra firme.

O símbolo de localidade está presente na figura da árvore de origem africana que marca a infância de Caúla, a qual mesmo sendo fixa, se desloca pela primeira vez quando João Joanes, estando distante em alto mar, solicita a um amigo em retorno a Ilhéus que lhe traga um ramo.

João Joanes pedia um ramo da jindiba, lembrava-se da árvore, era o que estava vendo. Uma coisa viva, que talvez plantasse como muda em uma lata com terra de Ilhéus, com a recordação na casa, na mulher e no filho. Levaria aquilo pelos mares afora, parte de sua bagagem, para não esquecer o que ficara. (FILHO, 1971, p. 15)

Caúla é assediado muito mais pela possibilidade da saída do que pela permanência. Aos 16 anos de idade chega à sua cidade um circo, elemento que se fixa em um lugar e também se configura em sua transitoriedade. Lá, Caúla conhece Alice, que gentilmente apresenta o circo para ele e também fala da África, despertando ainda mais o interesse de partir. Depois de cinco dias o circo parte sem despedida. É desta possibilidade que vai falar Milton Santos em seu livro *Por uma outra globalização*. Segundo ele, a ideia de movimento e mudança é inerente a evolução da humanidade.

Um mundo verdadeiro se definirá a partir da lista completa de possibilidades presentes em certa data e que incluem não só o que já existe sobre a face da Terra, como também o que ainda não existe, mas é empiricamente factível. (SANTOS, 2000, p. 160)

A mãe de Caúla temia que o mesmo destino do pai se repetisse no filho. Por isso, a mesma, fazia questão de dizer para o filho que o mar era ruim. Enquanto isso, Caúla tinha os olhos acesos para o mundo.

O mar alto, Pé-de-Vento, o saveiro. E Caúla, porque viu aquilo de uma vez pensou no pai, aquele marinheiro, o Sardento. Não era difícil entender porque deixara tudo, a mãe e ele próprio, para sumir nos infinitos do mar. Devia ter sentido o que ele agora sentia. Vontade de tomar o leme, o saveiro no sem fim das águas, noite e dia viajar até dar com a Bahia ou Lisboa, os portos do mundo. Navegar a vida inteira, rodando a terra, vendo as nações e raças. (FILHO, 1971, p. 32)

Depois da morte de sua mãe, Cáula conhece Mestre Vitorino com quem embarca para Salvador. Lá se relaciona amorosamente com Conceição do Carmo de quem sofre traição amorosa e uma decepção. Retorna a Ilhéus e volta a Salvador de onde parte para Luanda. Ao passar rapidamente por Beira conhece Maria-do-Mar com quem também se relaciona, mas a abandona em busca do seu misterioso desejo de chegar a Luanda.

Em Luanda vive Iuta, vendedora de frutas, filha do brasileiro João Joanes. Ao conhecer Caúla, se apaixona rompendo imediatamente o relacionamento com seu noivo Nizuá. Este tenta matá-la, mas acaba se confrontando com José Babino - homem mudo, espécie de protetor e ajudante de Iuta – resultando na morte dos dois. Iuta agora grávida, retorna com Cáula para Ilhéus decidida a esquecer a tragédia. Ao chegar em Ilhéus, a presença do pai na casa do Pontal basta para revelar a sina dos irmãos amantes. João Joanes assassina os filhos e dá fim à própria vida o que reforça a ideia de superioridade do colonizador, aquele que possui o domínio da história da fundação, mas ao mesmo tempo entende que o ideal de origem ou de fundação nacional parece não ser possível, devido à necessidade de misturas.

Na obra, observa-se que o global se dá a partir do local que é fixo, mas ao mesmo tempo permite o deslocamento. A árvore da infância de Caúla, considerada referência tanto para ele como para o próprio mar, é transformada no caixão em forma de canoa que leva os três corpos pelo mar afora: “A jindiba, porém, para o menino, era o centro de tudo. O mar e as colinas tinham nela o ponto de referência.” (FILHO, 1971, p. 9)

O *locus* de enunciação ou política do lugar, em *Luanda Beira Bahia* é apresentado na percepção aberta de um lugar de chegada e de saída e este ambiente revela a dispersão, conflitos e mesclas culturais.

Esta ideia de transitoriedade, lugar de chegada e de saída, é reforçada pela figura dos portos que estão presentes na obra. São nos portos que as relações são negociadas as formas de identificação e diferença cultural: “O pôrto é o perigo com gente do mundo a passar, aventureiros e ladrões, contrabandistas e vagabundos, rameiras caçando homens.” (FILHO, 1971, p. 62)

A sala de refeições utilizada pelos navegadores era enfeitada por imagens do mundo. E era lá que eles contavam sobre suas longas viagens.

O próprio mundo se instala nos lugares, sobretudo as grandes cidades, pela presença maciça de uma humanidade misturada, vinda de todos os quadrantes e trazendo consigo interpretações variadas e múltiplas, que ao mesmo tempo se chocam e colaboram na produção renovada do entendimento e da crítica da existência. Assim, o cotidiano de cada um se enriquece, pela experiência própria e pela do vizinho, tanto pelas realizações atuais como pelas perspectivas de futuro. (SANTOS, 2000, p. 172)

É evidente que estas relações possibilitam um diálogo com o mundo, mas que não significa a perda da identidade.

Cada lugar é, a sua maneira, o mundo [...], Mas também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade” (SANTOS, 1998, p. 314)

Os personagens presentes na obra são aqueles que transitam, procurando negociar forma de identificação e de diferença cultural: “Homens de vários países, alguns louros e altos, que vinham para levar o cacau.” (FILHO, 1971, p. 8)

A obra de Adonias permite um diálogo que problematiza a identidade nacional que é muitas vezes simbolicamente baseada na ideia de um povo puro, original, como afirma Stuart Hall (1999) em *As culturas nacionais como comunidade imaginadas*. O olhar que lança sobre ela tenta perceber as relações culturais não como uma costura das diferenças numa única identidade. Pensar em *Luanda Beira Bahia* como “uma épica menor, na qual se tensionam identidades culturais”, como sugere Marcos Aurélio Souza (SOUZA, 2010, p. 16), parece ser também um grande passo no sentido de entender os elementos culturais que plasmam o imaginário da nacionalidade, e das perspectivas do local e do global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FILHO, Adonias. *Luanda, Beira, Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro. REXA, 1999.

SANTOS, Milton. Capítulo de '*Por uma outra globalização*'. Forum Social Mundial / Biblioteca das alternativas. Editora Record, São Paulo, 2000.

SOUZA, Marcos Aurélio dos Santos. *Renegado começo: discurso fundacional e mestiçagem: narrativas de Jorge Amado, Sosígenes Costa e Adonias Filho / Marcos Aurélio dos Santos Souza*. – 2010. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2010.